

*Convivendo com os caboclos e caboclas do Contestado (região do meio-oeste e planalto norte catarinense), a atenção do Autor foi despertada pela veneration que o povo da região tem para com as águas bentas de “São” João Maria. As fontes e nascente abençoadas pelo “Santo” são ainda hoje consideradas sagradas e, por isso, reverenciadas. No entanto, essas mesmas fontes e nascentes encontram-se, hoje, em boa parte dos casos, contaminadas. O artigo quer contribuir para o resgate do valor sagrado das águas, especialmente das fontes e nascentes, assim como oferecer uma reflexão crítica em relação à tendência atual em relação à problemática da água. É uma crítica à sociedade neoliberal, que trata até mesmo da água como mercadoria, e também uma defesa dos princípios e valores democráticos e solidários em relação à água.*

## **Mística da água e cidadania**

### **Uma análise a partir das águas santas de “São” João Maria, no Contestado**

*Gilberto Tomazi\**

---

\* O Autor é Especialista em Ensino Religioso (UNOESC-Videira), Mestrando em Ciências da Religião (PUC/São Paulo), e Professor no ITESC e na UNOESC-Videira.



*Para o estudo do mundo popular* “devemos possuir a simpatia ou intuição capaz de “re-viver”  
*um mundo alheio para, de dentro desse horizonte, descobrir a significação*  
de tudo aquilo que habita nesse mundo.”<sup>1</sup>

## Introdução

Assim como no fenômeno particular das águas santas de “São” João Maria, também em todas as religiões a água simboliza a vida e possui uma dimensão sagrada. É um mistério fascinante e tremendo, constituído de um elemento material e racional e de outro estranho, subjetivo ou irracional. O conhecimento pleno sobre as águas jamais será alcançado pelos humanos. Elas possuem algo sobre o qual o ser humano não consegue falar, nenhuma linguagem humana o consegue explicar.

Praticamente para todos os povos e culturas a água é o primeiro elemento presente na origem da Criação. Na maioria dos mitos e tradições antigas, antes de qualquer outra coisa a água é criada e é por meio dela que são criadas todas as coisas. No livro do Gênesis vemos que o ser humano foi criado ou modelado a partir da água e da terra, ou seja, do barro. 70% do corpo humano adulto é constituído de água. Todos os diferentes povos das mais diversas culturas atribuíram à água certas propriedades para além da matéria, para além do elemento químico, o H<sub>2</sub>O. Mais do que matéria a água é símbolo, é mistério; mais do que explicar, diante da água o ser humano cala, contempla, venera.

Até recentemente o ser humano acreditava que ele e todos os demais seres vivos dependiam da água. Mais recentemente, passou a compreender que também a água dele precisa. “*A água é patrimônio de todos os seres vivos, não apenas da humanidade. Nenhum outro uso da água, nenhum interesse de ordem política, de mercado ou de poder, pode se sobrepor às leis básicas da vida*”<sup>2</sup>. É impossível pensar uma sociedade saudável sem água de qualidade para todos os seus cidadãos. É uma necessidade primária, um direito humano fundamental. Além disso é um elemento que encanta e embeleza a vida. Uma cachoeira é uma poesia, um rio é um caminho aberto, uma beleza sem par. Uma fonte ou uma nascente de água é como uma criança que nasce sorridente. Os trovões anunciam a

---

<sup>1</sup> DUSSEL. **Oito ensaios sobre a cultura Latino-Americana e libertação**. p. 103.

<sup>2</sup> CNBB, **Texto Base CF/2004**, p.13.



chuva e fazem brotar as sementes. A chuva é uma dádiva de Deus, é uma bênção que nos torna bem humorados e dispostos para viver.

Falar sobre “águas santas” pode parecer uma volta aos tempos pré-modernos ou do romantismo, mas é bom lembrar que o próprio Antônio Gramsci abriu uma janela importante da ciência política marxista, quando considerou a riqueza das manifestações da cultura popular. Ele afirma que *“nas manifestações da vida social e espiritual do homem comum há uma riqueza de ver, de pensar e de dizer, que nem a ciência e nem a política ainda exploraram devidamente. Com isso podemos sair de um discurso sobre o povo, sobre a cultura do povo, para um trabalho concreto de reconhecimento do que é efetivamente o modo de viver ou ser do povo.”*<sup>3</sup>

## 1. As águas santas de “São” João Maria

Penso que vale a pena iniciar esta reflexão a partir de um referencial teórico-antropológico praticado por Clifford Geertz. Ele prioriza a questão da cultura como um contexto especial no qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, instituições e processos podem ser vistos “com densidade”. Ao estudar a cultura, ele prioriza a dimensão simbólica e discute a partir do “outro”. Propõe que o conhecimento da religião não seja um olhar “de fora”, mas um olhar a partir de dentro da própria perspectiva religiosa. Segundo ele, *“falar de ‘perspectiva religiosa’ é, por definição, falar de uma perspectiva entre outras. Uma perspectiva é um modo de ver, no sentido mais amplo de ‘ver’ como significando ‘discernir’, ‘apreender’, ‘compreender’, ‘entender’. É uma forma particular de olhar a vida, uma maneira particular de construir o mundo, como quando falamos de uma perspectiva histórica, uma perspectiva científica, uma perspectiva estética(...).”*<sup>4</sup>

É nesse sentido que tentaremos abordar aqui um aspecto cultural e religioso da história de Santa Catarina. Uma história que traz consigo muitos avanços e valores, mas também algumas cicatrizes e feridas profundas. Entre elas lembramos a Guerra do Contestado. Nenhum pesquisador sério pode tratar da história de Santa Catarina e mesmo do Brasil sem citar o Contestado. Não quero aqui tratar de uma guerra civil

---

<sup>3</sup> In. VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J.(orgs) **A cultura do povo** (1979) SP, Cortez & Moraes: EDUC. Coleção do Instituto de Estudos Especiais, PUCSP; n.1. (p. 136)

<sup>4</sup> GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas** (1989) LTC - RJ. p. 126.



acontecida no início do século passado, dentro de nosso Estado, mas apontar para um fenômeno que a antecedeu e que marcou profundamente a cultura cabocla da região do Contestado. É a mística criada em torno das águas abençoadas por “São” João Maria e consideradas santas pelos caboclos descendentes do Contestado.

Lembro-me que faz alguns anos, quando vários amigos e eu visitamos uma grande cachoeira que fica no interior do município de Matos Costa, onde aconteceu um combate na Guerra do Contestado. Ficamos literalmente encantados com tamanha beleza. Não dava para explicar! Era impossível olharmos para aquela água sem sentirmos algo para além do que víamos. Sentíamos que aquilo não era tão somente uma coisa ou algo que se pode conhecer cientificamente. Olhando para aquela maravilha da criação, não fica difícil acreditar que a água tem seus mistérios, seus poderes mágicos, tem a capacidade de curar enfermidades e gerar vida, tem algo de sagrado.

É neste sentido que pretendo aqui apontar para um fenômeno que marcou a história de nosso chão, de nosso povo catarinense e, porque não dizer também, a história de nosso país. Foi a presença de alguns homens simples e humildes, que se adentraram pelas matas do planalto catarinense, entre meados do século XIX e início do século XX, e influenciaram profundamente a cultura e a religiosidade popular da região do Contestado. João Maria continua bem presente na memória cabocla da região. Ele não foi apenas um homem – dizem muitos netos dos que os conheceram – é um profeta, um santo, um conselheiro, um homem de Deus. É alguém que, quando menos se espera, aparece e logo desaparece. Ele só sabia fazer o bem, trazia consolo aos doentes, esperança aos desesperados, paz aos angustiados, estima aos desprezados, reconhecimento aos esquecidos, remédios aos doentes, sabedoria aos incultos, coragem aos fracos, solidariedade aos empobrecidos e maltratados.

Na verdade foram pelo menos três homens peregrinos, anacoretas, monges, profetas ou santos, que passaram e deixaram marcas na região do Contestado. A cultura popular re-significou e reinterpretou a presença destes homens, em apenas um que possui as qualidades ou os valores dos três, e este é considerado Santo: é o São João Maria.

São muitos os motivos que levaram João Maria a ser considerado santo pelos caboclos do Contestado. Entre eles, podemos destacar, além do que já foi exposto acima, a sua preocupação com a água, com as florestas, com os animais, enfim com toda a natureza e com o ser humano.



Também é memorável sua sabedoria em dar conselhos, em prever o futuro, em insistir na conversão, em anunciar a Palavra de Deus e em manter-se preocupado e solidário com os desprezados e empobrecidos.

Em um dos textos atribuídos a João Maria, estão relatados 29 “Mandamentos da lei da natureza”.<sup>5</sup> Era uma espécie de manual do santo. Nesse texto, João Maria, além de apontar para valores religiosos e princípios éticos a seres respeitados por todos, insiste no cuidado para com a terra, a água, os animais e toda a natureza. Destaco aqui apenas três “mandamentos”, que considero fundamentais para este artigo: “6°. *A terra é nossa mãe. A água é o sangue da terra-mãe. Cuspir e urinar na água é o mesmo que escarrar e urinar na boca de sua mãe;*8°. *Quem não sabe ler o livro da Natureza é analfabeto de Deus;*9°. *As horas de chuva são as horas de Deus. É quando a Mãe-Natureza vem trazer água para seus filhos na Terra”*

João Maria dizia que *a árvore é quase bicho, bicho é quase gente*. Além de insistir no cuidado para com as matas e animais, ele atribuía um valor especial para as fontes e nascentes de água. Um dos símbolos preferidos e mais usados, deste santo popular, é sem dúvida nenhuma a água da fonte, a água das nascentes, a água que nasce na rocha, a água fresca, limpa e cristalina. Esta água não era, para ele, apenas um símbolo sagrado, era também um remédio usado para curar muitas pessoas das mais diferentes enfermidades. Era através da água pura, ou, quando muito, misturada e fervida com algumas ervas medicinais, que o Cristo sofredor se voltava para o enfermo e o curava.

Tomar da água abençoada pelo santo ou saciar a sede na mesma fonte onde o santo se saciou ou ainda batizar as crianças nas águas do santo é ainda hoje para muitos descendentes do Contestado uma fonte de graças e bênçãos divinas. Sabemos que ainda hoje muitas pessoas saem de seus lares e caminham diversos quilômetros ou viajam de uma cidade para outra à procura de uma fonte benzida por São João Maria, para batizar seus filhos, para beber ou à procura de cura para os mais diferentes tipos de enfermidades. São consideradas fontes sagradas ou santas e estão espalhadas não somente em boa parte do território catarinense, mas também nos outros Estados do Sul do país e em São Paulo. Ele não pousava nas casas, o seu pouso era em uma gruta, na beira dos caminhos ou no mato, sempre perto de uma nascente de água. Esta, assim, se tornava

---

<sup>5</sup> In. FELIPE, E. **O último jagunço**. p. 36 e 37.



abençoada, era cercada de cuidados e carinho pelos moradores mais próximos. É comum ouvir dizer que *“mesmo nos tempos de mais prolongadas estiagens, aquela fonte nunca secou, as outras sim”*. Cleto da Silva relata que *“o mui falado profeta João Maria, ‘São João Maria’ como costumam os sertanejos dizer (...) costuma pousar á beira dos caminhos, procurando local de boa água. Depois que o profeta deixa o pouso, os moradores da vizinhança fazem um cercadinho ao redor da fonte, que se torna, daí em diante, para eles milagrosa, pois piamente acreditam ser João Maria um santo.”*<sup>6</sup> A santidade de João Maria era realmente reconhecida ao ponto de ele próprio se tornar um mito, e de se construir lendas que, além de lhe atribuírem um grande poder sobre as forças da natureza, praticamente o equiparavam a Deus, ou a Jesus Cristo. Foi-lhe atribuído, por exemplo, *“o poder de atravessar os rios sem se molhar e também de estar imune aos incômodos da chuva em seus lugares de pouso.”*<sup>7</sup>

João Maria foi um sinal de contradição. Para muitos ainda hoje é considerado santo, mas para outros ele era motivo de preocupação: por isso foi expulso, perseguido, vigiado, preso e até mesmo morto. Não foram muitos os que assim pensaram, apenas alguns donos do poder econômico, científico, político, militar e religioso. Como no tempo de Jesus, estes se uniram para convencer os demais a abdicarem dos seus sonhos, propósitos, pensamentos, maneiras de agir e mesmo da sua fé. Uniram-se, neste caso, porque estavam preocupados com o ajuntamento de pessoas em torno de João Maria, com sua fama de santidade ou com o fato de somente ele ser ouvido e mesmo venerado pela grande maioria do povo da região. Então começaram por averiguar sua sanidade mental, questionar seus ensinamentos, suas atitudes e suas práticas religiosas, ou ainda manifestaram-se sobremaneira incomodados com seus questionamentos em relação aos rumos da política, da economia e da sociedade.

O máximo que as elites da época conseguiam ou queriam ver nesse povo, devoto de João Maria, era um grande leque de superstições e misticismo, de crenças absurdas e infantis, de símbolos, ritos e danças exóticas ou esquisitas, que mais se pareciam com estados alterados da consciência ou esquizofrenias.

A questão da qualidade ou das propriedades terapêuticas das fontes de água, que ele utilizava e que o povo considerava santas, foram

---

<sup>6</sup> In. THOMÉ, N. **Os iluminados**. p. 104.

<sup>7</sup> In. GALLO, I. **O Contestado, o sonho do milênio igualitário**. p. 68.



averiguadas e foram motivo de muitas discussões e controvérsias. No dia 18 de julho de 1848, o governo da então província de São Pedro designou o médico Tomaz Antunes de Abreu a fazer uma pesquisa e verificar se a água de uma fonte situada em Santa Maria da Boca do Monte (RS) possuía ou não propriedades curativas. As conclusões da pesquisa, depois de analisar muitos pacientes que às águas recorriam, afirmavam que as águas não possuíam propriedades curativas pois eram iguais as demais águas existentes na região. Mas a pesquisa também não deixou de relatar que ao menos alguns dos doentes que para lá se dirigiam realmente voltavam curados. Diz o médico que, dos duzentos doentes que foram por ele observados, treze se restabeleceram, cinquenta e um obtiveram melhoras e os demais ou pioraram ou continuaram no mesmo estado.<sup>8</sup> Uma testemunha ocular, de nome Felicíssimo, relata que “(...) *O certo é que algumas curas houve, porque a fama das virtudes curativas da maravilhosa água ecoou por todos os recantos da Província, tornando aquele, outrora alegre sítio, ameno e pitoresco, num verdadeiro campo de concentração de doentes de todas as idades(...)*”<sup>9</sup> Felicíssimo, apontando para a forma de como acontecia o tratamento, relata que “...*junto à bica havia um cepo, onde o doente ajoelhava, despejava-se a água com vagar, na porção que cada um queria(...)* e havia ainda o barro santo; este barro consistia na lama que se juntava em torno do cepo em que se ajoelhavam os doentes para receber a água na cabeça. Este barro fazia milagres na cura de feridas de todas as espécies.(...)Pela manhã formigava morro acima uma legião de enfermos, e, a muito custo atingindo a Ermida, suplicavam ao santo, alívio de suas dores, descendo após para abeirar-se à Fonte Milagrosa afim de tomar a água curativa ou lavar suas feridas.”<sup>10</sup>

O relatório feito pelo médico aponta para um conflito ou uma tensão entre as provas da ciência e a fé dos seguidores de João Maria. Aquelas águas tinham um “significado” que a ciência não podia nem devia explicar ou procurar compreender, não era o seu objetivo. A fé nos elementos curativos da água e do barro não pode ser analisada ou dissecada como uma coisa qualquer. O seu sentido sagrado ou o seu poder de curar ou gerar vida não podia ser objeto da ciência.

<sup>8</sup> In. FACHEL, J.F. **Monge João Maria**. p. 80.

<sup>9</sup> Idem. p. 26.

<sup>10</sup> Idem. p. 26 e 27.



Segundo Cassimiro O. dos Santos, as águas de João Maria eram milagrosas. Sua importância para os caboclos do Contestado era inegável:

*“Eu pessoalmente não conheci, nem meu pai, quem conhecia bem era minha vó.(...) Ele passava por aqui, na água ali que ele pousou ali e benzeu a água, a água ficava pra remédio. Então muita gente se curou pela água, gente aleijada, paráltico. (...) Uma vez veio aí um cara paráltico, o cara sentava e não podia se mexê no banco. Aí se tratou dessa água, um mês depois foi embora são”<sup>11</sup>.*

Uma coisa é certa, a cultura popular mantém viva a memória de João Maria. Por isso, um de seus símbolos ou instrumentos de trabalho prediletos, que era a água – ou seja, aquelas águas benzidas por João Maria – é ainda hoje uma referência sagrada para os descendentes do Contestado. Certas curas miraculosas, contadas hoje, podem até ser lendas, mas é interessante observar como a cultura popular vai re-significando os acontecimentos, de tal forma que os mesmos lhe dêem um sentido de vida, lhe ofereçam uma sustentação para sua esperança e lhe sejam um alimento para a fé.

A água e os rituais, feitos com ela ou em torno dela, servem mais como mediação para manter viva a memória e a mensagem de João Maria. A força deste homem advém, por um lado, de sua mensagem profética, de sua leitura da realidade e da história prenhe de sabedoria, de seu modo de ser, de se expressar e de agir. É comum ouvir entre os caboclos do Contestado que *“tudo o que ele profetizou já aconteceu, e tem coisas que ainda não aconteceram, mas vão acontecer”*. Sua identificação com os caboclos do Contestado os elevou em termos de dignidade, reconhecimento e estima e, como conseqüência, ele mesmo foi elevado a santo. Na memória de muitos caboclos, João Maria era um homem simples, despojado, que caminhava longas distâncias a pé, que só fazia o bem, que dava conselhos e remédios (ou receitas) e que carregava consigo poucas coisas: alguns textos escritos, um pequeno oratório, uma panelinha, alguns apetrechos para o chimarrão... Ele levantava cruzes em lugares especiais por onde passava, abençoava fontes de água, consolava os tristes, ameaçava os maus e violentos com castigos do céu, batizava, não cobrava pelos trabalhos realizados, dormia nas matas, de repente aparecia e logo desaparecia, normalmente não gostava de ajuntamento de pessoas ao redor de si, e não morreu, encantou-se.

---

<sup>11</sup> MARCON, T. **Memória, história e cultura**. p. 271.





## 2. Mística da água e cidadania

Penso que, para iniciar este segundo ponto, de onde apontarei para uma perspectiva de cidadania, vale citar uma referência teórica, na qual Wanderley alerta para a importância da educação popular. Ele afirma que

*“as experiências significativas de educação popular na América Latina e no Brasil comprovaram que o povo sabe acumular historicamente, tem sua sabedoria, suas formas de expressão próprias, sua lógica do mundo cotidiano, sua simbologia e sua linguagem. O surgimento da consciência crítica parte desse saber popular, e a vivência da opressão concreta é um dos condicionantes fundamentais a partir do qual a consciência se forja, permitindo com o tempo vencer as ambiguidades, perceber as contradições que existem na realidade e desvendar as determinações reais.”<sup>12</sup>*

Toda esta mística em torno das águas santas de João Maria não é um fato isolado. Todos os povos e culturas encontraram diferentes formas de se relacionar com o sagrado e assim compreender a história e a vida. A água sempre foi uma das referências de sentido para a existência humana. No imaginário relacionado à criação, a água é um dos mais importantes e primeiros elementos citados. Segundo a fé e a doutrina católicas, a água é indispensável no primeiro rito que dá início à vida cristã. *“Na água do batismo as pessoas recebem o mesmo Espírito Santo que animou Jesus e participam da mesma missão do Filho de Deus, sendo convocadas a colaborar com a transformação do mundo.”<sup>13</sup>*

Na antiguidade, os humanos acreditavam que era preciso oferecer sacrifícios aos deuses das águas, quando estas se encontravam revoltas, para que elas se acalmassem e desistissem de provocar calamidades e mortes. Hoje, muitas vidas humanas são ceifadas antes do tempo por causa da falta de água potável. São, hoje, na face da terra, aproximadamente um em cada seis habitantes que não tem acesso à água potável e uma em cada três pessoas não tem saneamento. No Brasil a situação é ainda mais grave, um em cada cinco brasileiros não tem acesso à água potável e quase metade da água consumida não tem confiabilidade, metade dos domicílios não tem saneamento e 80% dos esgotos são jogados

<sup>12</sup> In. VALLE, Op. Cit. ps. 74s.

<sup>13</sup> CNBB, CF/2004. p.141.



diretamente nos rios. Sendo a água imprescindível, pois ela é o fundamento de todas as formas de vida, é um crime depredá-la ou contaminá-la; é um crime destruir as nascentes, jogar dejetos industriais e agroquímicos, dejetos urbanos e domésticos nos rios.

Comentando sobre o primeiro capítulo do livro de Marcelo Barros, Dom Sebastião A. G. Soares, bispo da diocese anglicana de Pelotas, afirma que este capítulo é um grito de dor e um pedido de socorro, porque

*“a terra está doente. As fontes da vida estão ameaçadas. A terra cada dia mais se degrada a depósito de veneno, com todos os agrotóxicos e agroquímicos. O ar que se respira vai se enchendo de poluentes que sobem das máquinas, dos automóveis, das chaminés das indústrias, das usinas atômicas. Em certos lugares, até a água da chuva não é mais confiável e pode ser perigosa, a chamada ‘chuva ácida’. Em muitas regiões falta água, inúmeras fontes vão secando por interferência humana, e a água disponível vai se tornando sempre mais suja e poluída. Chegamos a uma situação jamais imaginável no passado.” Disse ainda que “a concentração da riqueza vai avançando na subjugação da terra, do ar, das águas. É mais que evidente: apropriação significa desintegração, degradação e morte.”<sup>14</sup>*

A água não é mercadoria, É por excelência um bem de destinação universal, um dom de Deus, é um bem comum, um patrimônio da humanidade e de todos os seres vivos. Por isso, assim como era para São João Maria, São Francisco de Assis e tantos outros santos e santas do passado e do presente, também para todos nós, as fontes e nascentes de água são sagradas, são como nossa irmã e nossa mãe. E, se assim pudéssemos todos conceber a água, com certeza num futuro próximo ela estaria mais pura, abundante, cuidada, protegida, respeitada.

O fato de a água ser um bem universal e abundante não pode nos levar à irresponsabilidade no seu trato e no seu uso. Conceber a água numa perspectiva ecológica e de desenvolvimento humano é hoje uma necessidade premente. O ser humano, nascido com o pecado original, precisa ser reeducado, precisa passar por um processo de mudança de mentalidade, de conversão. Sem isso, parece que sua tendência é a auto-destruição e a destruição do seu meio. Muitos santos e santas do passado e do presente apontam para a necessidade de conversão, que precisa ser pessoal e também estrutural.

---

<sup>14</sup> In. BARROS, M. **O espírito vem pelas águas**. p.9.



A CNBB, ao refletir sobre a água, chama a atenção para a necessidade de compreensão da mística da água e o que esta exige dos humanos. “A *mística da água é fundamentalmente a mística da vida. Esta nova mística exige uma verdadeira conversão pessoal, um novo olhar sobre a água e a natureza.*”<sup>15</sup> Hábitos e costumes novos, solidários, democráticos e alternativos em relação à água precisam ser fomentados. É preciso rever as nossas práticas em relação à água, desde as atitudes aparentemente mais normais ou mais simples como jogar lixo ou dejetos nos rios, lavar a louça com produtos poluentes e tóxicos, usar agroquímicos ou agrotóxicos de forma indiscriminada e irresponsável nas lavouras, não poupar água na hora de lavar o carro, escovar os dentes ou tomar banho. A água não foi criada para dar lucro a ninguém e muito menos para dar lucro a alguns poucos. João Maria já dizia que, quando a água fosse comprada e vendida, então estaríamos perto do fim. Com isso ele não estava necessariamente falando do fim dos tempos, mas sim condenando uma prática e uma concepção que, com a entrada do capitalismo, cada vez mais contagiavam os seres humanos. A de tratar tudo como mercadoria, como meio de produção e lucro ou como bens de consumo.

É triste ver que uma garrafa de água está sendo vendida por um preço superior ao de uma garrafa de gasolina. Privatizar a água é transformá-la num objeto ou numa coisa qualquer; é destruir o seu sentido mais sagrado e universal, o de ser dom de Deus. Transformar a água em mercadoria é roubar dela a sua dimensão poética, paisagística e mística, que encanta, dá prazer, anima e vivifica a vida humana e a de todas as espécies vivas.

A Constituição Brasileira de 88, afirma que a água é um bem de domínio público. Como podem ser privatizadas as águas, se são bens da União? “*São bens da União os lagos, os rios e quaisquer correntes em terrenos de seu domínio, ou que banhem mais de um Estado, sirvam de limite com outros países ou se estendam ao território estrangeiro ou dele provenham, bem como os terrenos marginais e as praias fluviais...*”.

Você já se imaginou contemplando e se deixando encantar com aquela linda cachoeira que mencionei anteriormente, e alguém lhe pedir para sair daquele lugar porque aquilo tem dono, ou que para você poder dela se aproximar e contemplar ou para nela se banhar antes deverá pagar

---

<sup>15</sup> Idem, p. 149.



uns bons dólares? Isso é um fato a se multiplicar pelo mundo afora. A nossa Igreja, no Texto Base da CF/2004, considera que *“o rio é um ecossistema pleno de várias formas de vida, um útero da biodiversidade. Reduzir um rio a usos econômicos, ou a um simples canal de esgoto, ignorando seu papel na biodiversidade, é a forma mais comum de trucidar a vida.”*

Assim como a alimentação é um direito humano fundamental, também a água deve ser entendida como um direito de todos os seres humanos e obrigação do Estado. Segundo a Organização Mundial da Saúde, são necessários no mínimo 40 litros de água por dia/pessoa. Abaixo desta quantidade instala-se a insegurança quanto à água para qualquer pessoa humana. Para que cada pessoa tenha segurança quanto à água, ela precisa receber esta quantidade com qualidade e regularidade: do contrário, suas necessidades orgânicas fundamentais não estarão satisfeitas.

Estamos diante de um bem precioso que exige de cada cidadã(o) muita responsabilidade, carinho e cuidado. Se a água faltar ou acabar, se a água potável deixar de existir, também todas as formas de vida estarão sujeitas ao desaparecimento. É nesse sentido que Marcelo Barros propõe uma nova relação com a terra e com a água. Uma relação espiritual!<sup>16</sup> Essa relação, segundo ele, passa especialmente pela necessidade do cuidado com a vida, como dom divino e responsabilidade de todos e por cada um. Passa também pela luta e defesa do bem comum, e isto só será possível quando se edificar sobre as bases de uma espiritualidade de comunhão e, também, se passar por um processo permanente de construção e defesa da democracia. Mas isto exige uma conversão interior na forma de lidar com o poder e uma nova concepção de Deus. O Deus da vida não detém o poder, não o concentra, mas o distribui, o dá a todos.

Ainda insistindo no valor da mística da água, Marcelo Barros afirma que é preciso fazer da terra e da água um elemento de oração e de intimidade com o divino; é preciso fazer a experiência do encontro com o divino na natureza, como já a fazem muitas pessoas e povos de diferentes tradições religiosas. Não podemos nos dar o direito de privar a natureza do seu mistério divino, depredando-a, desrespeitando-a ou destruindo-a. Ele também nos alerta para o fato de que além da crise da água também “a Terra está doente”, porque a sociedade é opressora. Há um aumento

---

<sup>16</sup> In. BEOZZO, J. O. (org) **Água é vida**. p. 137.



assustador da marginalização e miséria dos pobres, e essa tragédia da humanidade se reflete também na sua relação com a natureza. A crise da água e a doença da terra podem ser superadas. São problemas históricos, consequência de um modelo de sociedade e uma cultura que nos domina há pelo menos 4 séculos: um modelo capitalista, anti-ecológico, hierárquico-patriarcal, desigual, injusto, anti-democrático e opressor.

Em contraposição a esse modelo de sociedade que nos sufocou durante pelo menos quatro séculos, em relação à problemática das águas e na perspectiva da construção de uma sociedade solidária, diversas iniciativas e processos alternativos de organização e mobilização popular estão sendo fomentados, tanto em nível local ou regional como também de caráter nacional e internacional. Segundo a CNBB, no texto base da CF/2004, é necessário que cada vez mais pessoas e entidades se engajem em campanhas pela democratização da água, procurem alternativas celebrativas que recuperem o simbolismo sagrado das fontes e nascentes, e despertem uma atitude de penitência diante dos desrespeitos contra a natureza, principalmente contra a água. Também insiste na necessidade de um maior uso da água na liturgia, nas bênçãos, rituais, batismos, etc, procurando sempre ressaltar que a água é fundamental para a vida. Aponta ainda para algumas iniciativas solidárias e alternativas em relação à água: a captação da água das chuvas, no semi-árido, com a construção de um milhão de cisternas; a luta por uma política nacional de captação de água de chuva, inclusive para a pequena irrigação, para não sobrecarregar os rios e as águas subterrâneas, como vem acontecendo; a importância de fortalecer as organizações das populações ribeirinhas e praieiras, assim como a Pastoral dos Pescadores e a Pastoral da Terra; contribuir para que cada povo tenha o controle sobre a qualidade de suas águas e a gestão no seu gerenciamento; organizar processos e projetos de fiscalização, recuperação e revitalização dos rios; conscientizar cada cidadão sobre a sua responsabilidade em relação ao controle de qualidade da água que consome; fomentar processos de sensibilização em relação à problemática mundial de carência da água, animando iniciativas de solidariedade; valorizar o respeito aos ciclos da natureza e contribuir na luta contra a privatização da água; apoiar o movimento dos atingidos por barragens e acompanhar as iniciativas do Parlamento Mundial da Água.

Já é consenso, entre os estudiosos da problemática da água, que se faz necessário não somente um projeto de desenvolvimento local que inclua o cuidado e a democratização da água, mas também uma política internacional – logicamente, não nos moldes das atuais políticas de



globalização neoliberais – para gerenciar de forma democrática e solidária os interesses e necessidades de todos pela água. Para evitar as guerras pela água e evitar que as atuais tendências em relação à água persistam, assim como para animar um processo de conscientização em torno das águas, está sendo elaborado, através de uma série de ações realizadas por inúmeros grupos, movimentos e organismos internacionais, o “Contrato Mundial da Água”. Segundo a CNBB/CF2004

*“existe uma proposta, vinda da sociedade civil, de se criar um Parlamento Mundial da Água e um Contrato Mundial da Água. A idéia é controversa, porém, merece atenção. Que a Igreja, através principalmente das Pastorais Sociais, possa se apropriar dessas discussões e delas participar.”<sup>17</sup>*

Riccardo Petrella defende que a água deve ser protegida, desenvolvida, partilhada e utilizada como bem comum da humanidade. E a prioridade, portanto, deste contrato que ele defende e propõe, deverá ser a garantia de que todos tenham acesso a ela; e que

*“o Estado não somente deve promover e garantir o gerenciamento permanente e integrado dos recursos hídricos do país, mas deve também, adotar uma visão global baseada na abertura, solidariedade e cooperação no tratamento com outros países, especialmente os que compartilham as mesmas fontes de água.”<sup>18</sup>*

Um Contrato Mundial da Água só será realmente justo e necessário se visar aprofundar a solidariedade e os interesses de toda a comunidade humana, e, se for construído de forma dinâmica e com ampla participação da sociedade civil organizada, dos movimentos e organizações sociais e populares, ONGs, cientistas, intelectuais, meios de comunicação social, Igrejas, Fóruns Sociais, etc. Deverá também receber o apoio e a cooperação dos parlamentos e das estruturas de democracia direta, entre outros. Segundo Petrella, um Contrato Mundial da Água deverá ter dois objetivos principais: *o primeiro é o acesso básico à água para todos os seres humanos e todas as comunidades humanas; o segundo visa o gerenciamento integrado e sustentável da água, de acordo com os princípios de solidariedade* (dever da responsabilidade individual e coletiva pelas demais comunidades humanas, pela população mundial,

<sup>17</sup> CNBB, **CF/2004**. p. 174.

<sup>18</sup> PETRELLA, R. **O manifesto da água**. p.17



pelas gerações futuras, e pelo ecossistema da Terra; princípio de compartilhar, e conservação/proteção da água)<sup>19</sup>.

## Conclusão

Enquanto durar a história, aparentemente sem sentido, temos que viver na contradição entre o que acontece efetivamente e a nossa esperança. A mensagem de ‘São’ João Maria, ainda presente na cultura e na religiosidade popular dos descendentes do Contestado, é uma chama profética e rebelde que não aceita a ideologia de que a última palavra da história é a realidade presente. No meio de tanta perseguição, repressão, dominação, conquistas e massacres, o que sobreviveu no seio do catolicismo popular merece respeito e consideração. E o que sobreviveu é a esperança de libertação e um sentimento de filiação, de irmandade e respeito para com os demais seres humanos, para com a terra e as águas, enfim para com toda a natureza criada e abençoada por Deus.

Assim como os caboclos do Contestado, que aprenderam com “São” João Maria a valorizar e a respeitar a água, considerando-a sagrada, também todos os humanos precisam abrir-se para um processo de conversão, de mudança de mentalidade em relação a água. É preciso superar a visão mecanicista, predatória, positivista e utilitária que contagiou a humanidade nas últimas décadas. Novas opções precisam ser tomadas, novos rumos precisam ser dados para a sociedade, para a política e a economia. Novas bandeiras precisam ser levantadas. Algumas luzes já foram acesas: a do desenvolvimento humano e sustentável, a do eco-desenvolvimento, a de uma sociedade democrática e solidária, a do resgate da dimensão holística e espiritual presente nas mais diversas tradições religiosas e culturas milenares, a da insistência na defesa dos direitos sociais e humanos etc.

A natureza não pode mais ser tratada como mercadoria, e a água deve ser vista como dom de Deus, como fonte de vida e como bem universal. A água deve ser vista como uma companheira ou uma parceira querida do ser humano. Não somente o ser humano precisa dela, hoje ela também precisa do ser humano, do seu carinho, do seu cuidado, da sua prece.

---

<sup>19</sup> Idem, p. 151.



Enfim, repito as palavras de Marcelo Barros, que nos convocam ao exercício da cidadania e de uma nova experiência espiritual com relação à natureza, à água e aos seres vivos:

*“Olhamos o mundo e vemos que a sociedade é destruidora e desrespeitosa com o ser humano, com a terra e com a água. Nossa vocação humana e espiritual exige que trabalheemos para mudar esta situação. Para isso, é preciso ir às raízes do problema. Não bastam campanhas sociais e econômicas. Há também um elemento cultural a ser respeitado. Há povos que têm o seu jeito tradicional de lidar com a terra e a água. Não será no círculo dos grandes que se encontrará a força para mudar o rumo do mundo. É preciso desenvolver uma espiritualidade nova, um novo modo do ser humano se relacionar com a terra e a água”. Disse ainda “Trata-se de uma conversão pessoal e interior (como, por exemplo, voltar a reconhecer e adorar a presença divina na beleza da água, defender o direito da terra e da água e proteger as fontes e a natureza em torno dos mananciais), acompanhada por um esforço de construir uma conversão social e estrutural da sociedade.”<sup>20</sup>*

## Referências bibliográficas

- BARROS, Marcelo. **O espírito vem pelas águas.**(2002). São Leopoldo/RS,CEBI/Rede.
- DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre a cultura Latino-Americana e libertação.** (1997) SP: Paulinas.
- CNBB. **Texto Base CF/2004.**
- VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J.(orgs) **A cultura do povo** (1979) SP, Cortez & Moraes: EDUC. Coleção do Instituto de Estudos Especiais, PUCSP; n.1.
- GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas** (1989) LTC - RJ.
- FELIPE, E. **O último jagunço, folclore na história da guerra do Contestado** (1995) Curitiba/SC, UnC.

---

<sup>20</sup> BARROS, M. **O espírito vem pelas águas.** pp. 158 e 167.





THOMÉ, N. **Os iluminados, personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado.** (1999) Florianópolis, Insular.

GALLO, I. **O Contestado, o sonho do milênio igualitário.** (1999) Campinas, UNICAMP.

FACHEL, J.F. **Monge João Maria, recusa dos excluídos.** (1996) Porto Alegre/Florianópolis, UFRGS/UFSC.

MARCON, T. **Memória, história e cultura.**(2003). Chapecó/SC, ed. Universitária.

BEOZZO, J. O. (org) **Água é vida, dom de Deus e responsabilidade humana.**(2003). São Paulo, Paulus/CESEP.

PETRELLA, R. **O manifesto da água, argumentos para um contrato mundial** (2001) Petrópolis, Vozes.

**Endereço do Autor:**

Seminário Teológico de Caçador  
Rua João C. dos Santos, 280, bairro Pantanal  
88040-300 FLORIANÓPOLIS, SC  
email: [pegilberto@ig.com.br](mailto:pegilberto@ig.com.br)